



Abertura Duas Caras (Rede Globo)

A mudança de olhar sobre as favelas: discursos contra preconceitos

Adriana Androvandi¹

Crítica de cinema do Jornal Correio do Povo e mestre em Comunicação Social/PUCRS

A favela é um dos mais graves problemas sociais das grandes cidades. No Brasil, sua temática é frequentemente enfocada em produtos audiovisuais, como filmes para cinema e séries e novelas de televisão, além de ser pauta no jornalismo. Fazemos aqui um breve levantamento de como a favela tem se tornado tema de produtos midiáticos a partir de 1999 no Brasil, chegando a um ponto que consideramos de destaque na televisão: a favela se tornar o cenário principal de uma novela da Rede Globo em horário nobre, em 2007. E como o seu olhar sobre ela tem se modificado em vista dessas representações.

A cultura é um terreno de disputa de poder. Neste caso, nosso questionamento partiu sobre a maneira que a favela é representada na indústria cultural. De emergente, ela está se tornando um elemento mais visível e integrado na cultura brasileira. Além de apresentar dados, procuramos um modelo interpretativo para esta análise da frequência da favela em produtos culturais da nação, trazendo dados e conclusões da pesquisa que resultou na dissertação de mestrado *A favela no horário nobre da TV aberta brasileira: uma análise da novela Duas Caras*, de Adriana Androvandi (PUCRS).

Procurando apresentar o tema em seu contexto, ressaltamos que, em 1999, o documentário brasileiro *Notícias de Uma Guerra Particular*, de João Moreira Salles, mostrou quadrilhas armadas nos morros cariocas, que se tornaram redutos do crime organizado. Os soldados dessas gangues eram jovens sem perspectiva de conseguir um emprego formal.

Em 2002, o filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, foi outro marco no cinema nacional. O filme apresenta a favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, desde o seu início, em que alguns moradores

1 - adria.ez@terra.com.br

cometiam delitos como o assalto ao caminhão de gás, até se tornar um quartel general de quadrilhas de tráfico de drogas. O protagonista é um jovem que se torna fotógrafo, mas ele é uma exceção. Outros adolescentes que cresceram com ele na favela encontram no tráfico o único caminho para a sobrevivência, em vidas que costumam ser ceifadas cedo, seja por confrontos entre concorrentes no crime ou com a polícia.

Também em 2002, o repórter investigativo Tim Lopes, da Rede Globo, foi assassinado no alto de um morro por traficantes. Ele foi capturado por integrantes da quadrilha Comando Vermelho, numa favela do Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, preparando uma reportagem. Esse fato, além de ter afrontado o canal de televisão hegemônico do país, por ter um de seus funcionários morto, chocou a sociedade por mostrar a ousadia dos traficantes. As favelas tiveram sua imagem reforçada como lugar de crimes e assassinatos.

Ainda em 2002, começa na televisão brasileira o seriado *Cidade dos homens*, também ambientado em uma favela. Esse seriado, apresentando como protagonistas dois amigos, Laranjinha e Acerola, que cresceram em uma favela do Rio de Janeiro, foi exibido pela rede Globo entre 2002 e 2005, em períodos de dois meses por ano, com exibição uma vez por semana. A história mostrava as aventuras dos dois garotos, que viviam em meio a traficantes cariocas, mas procuravam levar uma vida apartada do esquema do crime.

Outros produtos midiáticos abordaram nesta década a vivência nas favelas. *Antônia* ganhou uma versão para cinema, com direção de Tata Amaral (2007), e outra em seriado, exibido pela TV Globo. As protagonistas eram quatro jovens negras que moravam na periferia de São Paulo, sonhavam em alcançar o sucesso com seu grupo musical. Contudo, elas conviviam com problemas como gravidez precoce, desemprego, violência e pobreza.

Entretanto, a favela não aparece na televisão somente nos noticiários ou em obras de ficção que destacam a realidade violenta dessas comunidades. Em 2006, começa um programa que procurou destacar aspectos positivos das favelas, como a criatividade e a arte. É o caso da *Central da periferia*, um programa de reportagens criado pela atriz Regina Case, do antropólogo Hermano Vianna e do diretor de núcleo Guel Arraes, que começou a ser exibida dentro do

programa *Fantástico*, na TV Globo.

A novela *Vidas opostas*, do canal de TV Record, com autoria de Marcílio Moraes, exibida de 21 de novembro de 2006 a 27 de agosto de 2007, no horário das 22h, apresentou dois núcleos na trama, o rico e o pobre, sendo que o pobre se dava, efetivamente, em uma favela. As cenas de confrontos com armas de fogo em perímetro urbano foram assunto para análise de outras mídias, como a revista *Veja*, que publicou a matéria *O arrastão da Record – ‘Vidas opostas’ usa a violência carioca como matéria-prima. E conquista Ibope* (MARTHE, 2007). O canal, que se o vice-líder nas novelas brasileiras, superou a audiência usual da TV Globo naquele dia e horário. Em entrevista à Agência Estado, o diretor da novela, Alexandre Avancini, questionado sobre o fato de a novela apresentar cenas em favelas e com violência urbana, respondeu dizendo que “o público gosta de histórias próximas à realidade” (CORREIO DO POVO, 2007).

Em 2007, outro filme de sucesso nacional mostrou a favela: *Tropa de elite*, longa-metragem com direção de José Padilha, sobre a ação do Batalhão de Operações Especiais nas favelas do Rio de Janeiro. O longa-metragem mostrou a ação de policiais, liderados pelo personagem do Capitão Nascimento, que enfrentam à bala os traficantes e matam criminosos sem que estes sejam presos e julgados pelo sistema judiciário. *Tropa de elite* retratou, portanto, a prática das execuções.

Duas caras, em 2007, parece ser a ponta de um processo que teve grande arrancada no cinema e foi destaque no jornalismo, enfocando a escalada do crime organizado na década de 2000. A sensação de insegurança de cidadãos, muitas vezes vítimas das guerras do tráfico de drogas (essencialmente ligado às favelas), trouxe o assunto cada vez mais à tona. E os problemas antes considerados somente da periferia começam a avançar ao restante da sociedade e passam a se tornar objetos de interesse da audiência.

Considerando os meios de comunicação social atentos às manifestações populares, a cultura não pode ser compreendida sem referência à sociedade, ou seja, às práticas sociais dos indivíduos. Jesús Martín-Barbero destaca que as mensagens de massa só têm pertinência quando reelaboradas pela cultura popular, ou seja, é dentro da cultura popular que os conteúdos de massa

são apropriados, interpretados e ganham sentido. Por isso, para compreender as representações da novela *Duas caras*, destacamos estes produtos culturais anteriores que já estavam colocando a favela na agenda da mídia.

Destaca-se também que a novela é um produto midiático que faz parte da cultura diária brasileira desde o período do rádio, para depois se adequar à TV. Armand e Michèle Mattelart (1999), em um estudo da telenovela brasileira, igualmente ressaltam que a novela é um produto cultural de características nacionais próprias. “Enquanto países asiáticos exportam principalmente produtos eletrônicos, o Brasil e o México exportam novelas” (MATTELART, 1989, p. 14).

Em sua pesquisa, Ondina Fachel Leal (1986) ressalta que a novela sempre está inserida em uma ideologia.

A imagem, o som, a fala da novela das oito passam pelo sistema de cultura, e buscar resgatar esta mensagem perpassada por novos significados – o de vivências cotidianas individuais, familiares e de classe – é também resgatar um determinado sistema de cultura em si, do qual a televisão, na sociedade contemporânea, e especificamente em uma formação social capitalista e dependente, é parte integrante, redimensionando-o e sendo redimensionado constantemente em uma relação indissociável (LEAL, 1986, p. 12).

Dessa forma, segundo a autora, a legitimidade da produção cultural será proporcional à capacidade da indústria cultural em interpretar representações coletivas que, de uma forma ou de outra, assegurem uma coesão do sistema e a circulação, nos diversos grupos sociais, das ideias dominantes. Para Leal (1986), a novela consegue articular e atualizar significados por meio de suas mediações simbólicas.

Portanto, a representação da favela na novela das 21h da Rede Globo, canal de TV gratuito e hegemônico no Brasil, mostra uma cooptação desse universo pela grande mídia. A favela apresentada aqui era a fictícia Portelinha, na narrativa de *Duas caras*, exibida do dia 1º de outubro de 2007 até 31 de maio de 2008. Com autoria de Aguinaldo Silva, essa novela também apresentou um núcleo de personagens

ricos e outro de pobres. Para a parte pobre, uma favela como cenário foi construída nos estúdios da Globo.

Conforme é o formato brasileiro, esta novela foi ao ar de segundas a sábados. Para a presente análise, a novela foi gravada no seu período de exibição e depois decupada. O título da novela foi inspirado em uma investigação policial, batizada de *Operação Duas Caras*, realizada pela 59ª DP de Duque de Caxias, município da Grande Rio de Janeiro, para prender policiais militares do 15º BPM da mesma cidade, suspeitos de envolvimento com o tráfico de drogas. Foi descoberto que o grupo recebia propinas semanais para não fazer operações em favelas.

Em *Duas caras*, houve, portanto, um encontro entre dois ícones da cultura brasileira, a favela e a novela da TV Globo, tanto que, para o exterior, ambas são símbolos do país, não exclusivos do Brasil, mas com características próprias. Na narrativa, o ator Antonio Fagundes viveu o personagem de Juvenal Antena, líder e fundador da fictícia favela da Portelinha. Ele exercia as funções do Executivo, Legislativo e Judiciário no local, sendo um representante do comandante de um estado paralelo nas favelas cariocas. Mas ele também é um protetor da sua comunidade e um financiador de suas festas, como da escola de samba do local.

No caso, as questões culturais das favelas passam a serem cooptadas na grande mídia. Esta dualidade se pôde observar na favela que é apresentada em *Duas caras* desde a abertura da novela, em uma vinheta que traz barracos estilizados em uma maquete que cercam um prédio de luxo, com a música *E vamos à luta*, cantada por Gonzaguinha (foto abertura da novela). Nesta música, se destaca que o povo é batalhador.

Duas caras esteve entre os destaques do ano de 2007 na televisão brasileira pelo Anuário Obitel 2008. Seus autores falam, na apresentação do livro, sobre a importância da ficção televisiva na cultura como um enclave estratégico para a produção audiovisual ibero-americana, tanto por seu peso no mercado televisivo como pelo papel que joga na produção e reprodução de imagens que esses povos fazem de si e através das quais se reconhecem. Além disso, o atual debate sobre a globalização elege narrativas ficcionais de televisão tanto como espaço estratégico de construção de identidades

(LOPES, 2008, p. 12).

Além de destacar que *Duas caras* foi produzida totalmente em alta definição para televisão digital na TV Globo, Maria Immacolata Vassalo Lopes, em texto específico sobre os panoramas ficcionais no Brasil no Anuário Obitel 2008, ressalta que a Globo levou a periferia para o horário nobre. “À diferença das favelas violentas retratadas pela teleficção *Vidas opostas* (2006), da TV Record, a favela da Portelinha, de *Duas caras*, é representada como um espaço de solidariedade, trabalho, dignidade” (LOPES, 2008, p. 90).

A autora Esther Hamburger, que em seu livro *Brasil antenado – A sociedade da novela* (2005) analisa vários aspectos da novela brasileira, ao se referir ao período dos anos 70, destaca que as classes menos favorecidas pouco apareciam na televisão. Pobres sempre estiveram presentes ao longo da história das narrativas televisivas, mas não os favelados especificamente. Estes ganharam, nos últimos anos, mais espaço. Por isso nosso olhar sobre diversos produtos midiáticos procurará entender este fenômeno, conforme sugere Douglas Kellner (2001) em sua crítica conectada com o contexto social do país. Esse autor defende que as produções culturais articulam ideologias, valores e classes na sociedade, e o modo como esses fenômenos se inter-relacionam. Kellner, afirmando que a cultura da mídia se tornou parte da vida cotidiana, ressalta que ela pode servir para disseminar formas de dominação da ideologia das relações vigentes, como fornecer instrumental para fortalecimento de identidades e até para manifestações de resistência.

Pode-se dizer, portanto, que a subcultura das favelas, em diversas representações, passou de emergente para integrante da cultura nacional, mas adaptada ao gosto da classe média. A novela aqui retrata vários problemas vividos pela sociedade brasileira (ZERO HORA, 2009). Um deles é o descontrole histórico do Estado sob as favelas, seja quando são comandadas por traficantes de drogas ou pelas milícias, grupos armados que oferecem segurança em troca de pagamento (GLOBO, 2009). O personagem Juvenal da novela *Duas caras*, pode ser classificado como um chefe de milícia. O próprio Juvenal admite, em um diálogo da novela, que o fortalecimento de líderes como ele nas favelas se dá por omissão do Estado. Esta realidade começa a ser alterada a partir do final da década de 2000, com a criação das Unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro

(SECRETARIA DE SEGURANÇA DO RIO DE JANEIRO). Mas até então, o controle de grupos criminosos sobre as favelas era foco da mídia brasileira.

A novela se relaciona com outros discursos, presentes no cinema e no jornalismo na mesma década. Percebemos que a favela entrou em um processo de agendamento na mídia, ressaltando que este olhar sobre a favela começa na década anterior no cinema antes de chegar à TV. Em um primeiro momento, considerou-se a escolha de uma dezena de capítulos, dos 210 que a compõem. Como um assunto na maioria das vezes demandava mais de um capítulo, temas relevantes relacionados à favela levavam mais de um dia para serem concluídos, dentro das várias subtramas. E, por ser uma narrativa televisiva com oito meses de duração, percebeu-se que a análise se tornaria mais produtiva se determinadas temáticas associadas à favela fossem destacadas da trama. Escolhemos o preconceito, a violência, a omissão do Estado e a inclusão social.

Conforme Williams (1994), que vê a cultura como todo um modo de vida, que capta as novas experiências da organização social, percebe-se que a favela apresentada em *Duas caras* em um primeiro momento se encaixa no perfil de sociedade com um governo paralelo. Mas aos poucos ela vai se modificando e vai ao encontro de um anseio popular de paz, manifestado em diversas passeatas ocorridas nos últimos anos no Rio de Janeiro. No início da novela, a violência ainda está presente, mas não é exclusividade da favela.

A Portelinha vai se tornando um local seguro porque seu líder não admite ali o tráfico de entorpecentes, mesmo que ele cometa outros tipos de crimes, como extorsão e atribuição para si de funções do Estado, como a segurança pública. Nesse ponto, a novela denuncia a omissão do Estado no policiamento. O uso da violência aparece de forma justificada somente quando a Portelinha é invadida por uma quadrilha de outra favela, que deseja tomar o local para transformá-lo em um ponto para venda de drogas, o que não era permitido. A partir daí, Juvenal e seus seguranças, ao lado de alguns moradores, se utilizam de armas de fogo, mas com a prerrogativa de estarem se defendendo.

Os moradores da favela são apresentados como trabalhadores honestos, o que ajuda a diminuir o preconceito para com quem é

'favelado'. A favela é representada ainda como um lugar de vibração e confraternização, em especial nas cenas que mostraram os ensaios de uma escola de samba para o carnaval carioca. Desta forma, os moradores da Portelinha são exibidos como alegres e espontâneos. Os jovens favelados, ao contrário dos filmes e das séries anteriores, em nenhum momento apareceram sujos ou maltrapilhos. Podem estar trajados de forma simples, mas nunca drogados ou armados. Na trama da novela, ao ganharem uma oportunidade para estudar em uma universidade próxima, os jovens não perdem a chance de se aprimorar. Dessa forma, a Globo exibiu uma representação de uma outra favela possível em relação ao senso comum que se tinha sobre essas comunidades até então e deixa subentendida a idéia de que faltam oportunidades aos jovens dessas comunidades.

Tomando a proposta de Kellner (2001) de que os meios dominantes de informações e entretenimento são uma fonte de pedagogia cultural, ainda que nem sempre percebida conscientemente pelo público, percebemos em *Duas caras* claramente essa opção. O enredo reforça durante a novela o fato de que o tráfico de drogas é fonte principal de violência nas favelas cariocas e que, portanto, se não há tráfico, não há violência.

Outra mensagem constatada é necessidade de aceitação de diferenças entre classes sociais, o que minimiza conflitos. Uma ideia presente nessa obra também pode ser compreendida em uma questão: já que a sociedade brasileira não consegue resolver o problema das favelas, uma opção é aceita-las, transformá-las em locais mais agradáveis para se viver e não ter preconceito para com quem mora nesses locais. Enfim, uma política de apaziguamento social. Junto com a narrativa, esteve, portanto, uma proposta de inclusão social, alternativas de lutas sociais e respeito às leis.

Também neste período se observa que a palavra favela foi sendo substituída por comunidade, o que reforça a ideia de que há um movimento no sentido de abandonar o olhar pejorativo sobre estes locais e valorizar seus moradores, desde que estes sejam trabalhadores. A solidariedade presente em muitos desses locais, o trabalho coletivo, visto de maneira bastante clara na preparação dos desfiles de escolas de samba cariocas, também é enfatizada como um aspecto positivo.

Esta queda de preconceitos também atingiu a questão de raças, o que ficou bastante visível na trama através de um romance entre o negro e favelado Evilásio (Lázaro Ramos) e uma moça branca e rica, Júlia (Débora Falabella). Os pais dela se opõem fortemente ao namoro e a jovem sai de casa e vai morar na favela, onde tem um filho com Evilásio. Ao fim da narrativa, percebendo o bom caráter do genro, os pais de Júlia aceitam Evilásio e apóiam a relação.

Na novela *Duas caras*, ainda em relação ao personagem de Evilásio: ele começa a se salientar como uma nova liderança da favela e apresenta uma forma diferente de conduzir as lutas sociais em relação ao líder consolidado, Juvenal Antena (Antonio Fagundes). Enquanto este age através de uma milícia, o mais jovem segue seu trabalho em prol da comunidade através de uma candidatura a vereador nas eleições, o que indica um caminho que se adequa ao Estado de Direito. Evilásio é eleito e passa a representar a comunidade na Câmara de Vereadores da capital fluminense.

Desta forma, concluímos que o desejo de uma sociedade menos violenta e mais honesta foi cooptado e apresentando em *Duas caras*. E indica um caminho para que a favela se inclua na sociedade constituída, e não permaneça como um grupo dominado por governos paralelos.

REFERÊNCIAS

- A GUERRA no Rio – O medo renasce. **Zero Hora**. Porto Alegre, 19 out. 2009. p. 4 - 5.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CONCEITO UPP: A Polícia da Paz. Rio de Janeiro. **Sesecretaria de Segurança do Rio de Janeiro**. Disponível em http://upprj.com/wp/?page_id=20. Acesso em: 19 maio 2010.
- GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção – A interpretação do processo receptivo em duas**

- tradições de investigação sobre os media.** Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2004.
- HAMBURGUER, Esther. **O Brasil antenado:** a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- JORNAL CORREIO DO POVO. **Amizade em Risco no Morro.** Porto Alegre, 30 out. 2007. (Caderno Arte & Agenda, p. central).
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia:** estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.
- LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito.** Petrópolis: Vozes, 1990.
- LOPES M. I. V; VILCHES, L (Coords.). [Ci Knipel, tradutor]. **Mercados globais, histórias nacionais:** Anuário Obitel 2008. São Paulo: Globo, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações – Comunicação, Cultura e Hegemonia.** 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- MARTHE, Marcelo. O arrastão da Record – ‘Vidas Opostas’ usa a violência carioca como matéria-prima. E conquista Ibope. **Revista Veja.** São Paulo: Editora Abril, 21 fev 2007.
- MATTELART, Armand **O carnaval das imagens:** a ficção na TV. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MELO, José Marques. **As telenovelas da Globo:** produção e exportação. São Paulo: Summus, 1988.
- MILÍCIAS expulsam traficantes de drogas e já controlam 92 favelas da cidade. **O Globo.** Rio de Janeiro, 10 dez. 2006. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2006/12/09/286975035.asp>>. Acesso em: 12 jan. 2008.
- NOVELA da Record dribla Globo e faz gol no placar. **Folha On Line.** Ilustrada. 1 de fev. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68097.shtml>>. Acesso em: 12 out. 2007.
- NOVELA Duas Caras. **Rede Globo.** Disponível em: <http://duascaras.globo.com>. Acesso em: 23 out. 2008.
- O GLOBO. **Milícias já controlam 200 comunidades do Rio.** Controle de Favelas. Rio de Janeiro, 15 jan. 2009. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/01/15/milicias-jadominam-200-comunidades-do-rio-723148886.asp>>. Acesso em: 7 maio 2009.
- _____. **Rio viveu onda de ataques em 2002.** Rio de Janeiro, 28 dez. 2006. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2006/12/28/287211958.asp>>. Acesso em: 7 maio 2010.
- SERIADO Antônia. **Rede Globo.** Disponível em: <<http://www.redeglobo.com.br>>. Acesso em: 29 out. de 2007.
- SERIADO Cidade dos Homens. **Rede Globo.** Disponível em: <<http://cidadedoshomens.globo.com>>. Acesso em: 12 out. 2007.
- WILLIAMS, Raymond. **Sociologia de la cultura.** Barcelona: Paidós, 1994.